

HORROR E EMPATIA: A FIGURA DO CIENTISTA EM “DO ALÉM” (1934), DE H. P. LOVECRAFT

Marina Sena (UERJ)¹

Resumo: O presente trabalho busca analisar, a partir dos estudos sobre empatia de Simon Baron-Cohen, como se dão vínculos emocionais estabelecidos entre leitor e a personagem monstruosa. Procurarei demonstrar que a descrição que Baron-Cohen faz de constructos empáticos, e do indivíduo localizado no grau zero de empatia, é uma chave para se compreender melhor o arquétipo do cientista na literatura de horror. Como estudo de caso será analisado o cientista do conto “Do além” (1934), de H. P. Lovecraft, que ultrapassa o limite do que deve e pode ser conhecido.

Palavras-chave: Empatia narrativa; Literatura de horror; H. P. Lovecraft.

1. Introdução

A historiadora Susan Lanzoni (2015), ao comentar como o termo “empatia” se desenvolveu ao longo do século XX, chama atenção para o fato de que a palavra já se referiu a sentidos bastante distintos do que o utilizado atualmente. Hoje o termo é, na maior parte das vezes, associado à nossa capacidade de nos colocar no lugar do outro ou entender o que outra pessoa está sentindo. Mas nem sempre foi assim.

No século XIX, o substantivo alemão *emfühlung*, do qual a palavra inglesa “empathy” se originou, referia-se, essencialmente, ao modo como o público se relacionava com obras de artes – como esculturas, colunas arquitetônicas, pinturas, obras literárias e peças musicais. No pensamento estético da Alemanha oitocentista, *emfühlung* era um processo de **sentir a essência**² das mais variadas produções artísticas. É por tal razão que a palavra alemã ainda conserva diversos significados de seu uso oitocentista, incluindo “entendimento”; “compreensão” de (algo ou alguém); “intuição”; e “simpatia” (cf. LANGENSCHIEDT, 2018).

No começo do século XX, os psicólogos falantes de língua inglesa notaram a importância de *emfühlung* para os estudos da área, e começaram a buscar uma tradução. Segundo Lanzoni, diversas sugestões foram feitas, incluindo “animação”; “jogo”; “simpatia estética” e “semelhança”. Porém, em 1908, dois estudiosos da Universidade Cornell e da Universidade de Cambridge – respectivamente Edward B. Titchener e

¹ Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UERJ. Membro do GP Estudos do Gótico. Contato: marinafsena@gmail.com.

² Esta é uma opção de tradução do original “feeling into”. Outras possíveis são “sentir com” ou mesmo “sentir dentro”.

James Ward – sugeriram a palavra “empathy” (derivada do grego *empátheia*³), e o termo se fixou⁴.

O presente trabalho busca analisar, a partir dos estudos sobre empatia de Simon Baron-Cohen, como se dão vínculos emocionais estabelecidos entre leitor e a personagem monstruosa. Procurarei demonstrar que a descrição que Baron-Cohen faz de constructos empáticos, e do indivíduo localizado no grau zero de empatia, é uma chave para se compreender melhor o arquétipo do cientista na literatura de horror. Como estudo de caso será analisado o cientista do conto “Do além” (1934), de H. P. Lovecraft, que ultrapassa o limite do que deve e pode ser conhecido.

2. Empatia, em busca de uma definição

Em seu livro *The science of evil: on empathy and the origins of cruelty* (2011), Simon Baron-Cohen busca redefinir o conceito de **mal** em termos de **empatia**, e investigar a razão de por que algumas pessoas têm mais ou menos empatia do que as outras e o que acontece quando o indivíduo perde – ou não tem – a capacidade de se pôr no lugar do outro.

O primeiro exemplo utilizado pelo autor são os experimentos feitos pelos médicos nazistas, como o caso de uma mulher judia que teve suas mãos viradas do avesso (cf. BARON-COHEN, 2011, p. 1). Além desse, Baron-Cohen também menciona sua experiência em Saint Mary’s Hospital Medical School. Ao assistir uma palestra de fisiologia sobre o quanto seres humanos conseguem se adaptar a temperaturas intensas, o jovem Baron-Cohen presenciou um professor atestando que a melhor pesquisa já feita sobre o tema – especificamente no que diz respeito ao frio extremo – tinha sido levada a cabo pelos cientistas nazistas, que faziam “experimentos de imersão” com judeus. Os nazistas punham os judeus em grandes cubas de água com a temperatura de 0° C e coletavam os dados de como o coração e o corpo reagiam. Para Baron-Cohen (p. 2, 2011): “Esses exemplos são particularmente chocantes porque envolvem doutores e cientistas qualificados (profissões que somos ensinados a confiar) conduzindo experimentos ou operações antiéticas”⁵. Mesmo que não tenham sido motivados por puro sadismo, e sim por um desejo de avanço da ciência, tais atos tendem a ser

³ O termo grego faz referência a *pathos*.

⁴ O próprio dicionário *Langenscheidt* aponta “empathy” como tradução principal de “*einführung*”.

⁵ Todos os trechos em língua inglesa são de tradução minha.

classificados como cruéis ou maus porque, essencialmente, tratam pessoas como meros objetos de pesquisa que não possuem nenhum sentimento ou sensibilidade.

É tomando esse tipo de exemplo como base que o pesquisador chega à sua questão principal: como algumas pessoas podem tratar outras como objetos? Para ele, o “demasiadamente fácil conceito de mal” (BARON-COHEN, 2011, p. 6) não resolve a questão por não ter força explanatória, por isso concentra-se no conceito de empatia. Assim, o estudioso substitui o termo “mal” por “erosão empática”. Como menciona o autor: “A erosão empática pode surgir de emoções corrosivas, como um ressentimento amargo, **um desejo de vingança, um ódio cego ou um desejo de proteger** [outros].” (BARON-COHEN, 2011, p. 6. Grifos meus.). Se essas forem emoções passageiras, a erosão empática é reversível. Porém, ela pode ter causas psicológicas mais profundas.

Ainda que o Nazismo seja o exemplo mais notável, a erosão empática pode acontecer em qualquer cultura. Baron-Cohen apresenta diversos exemplos em seu livro, mas gostaria de apresentar um caso recente que se encaixa na mesma linha argumentativa do autor.

A família Turpin morava no subúrbio da Califórnia e aparentava ser feliz e tranquila. A não ser pelo fato que ninguém nunca via – nem mesmo os familiares – os treze filhos do casal David e Louise Anna. Com idades entre 2 e 29 anos, todos os filhos eram mantidos em cativeiro, acorrentados a móveis e subnutridos. Os maus-tratos físicos – sem mencionar os psicológicos – foram tantos que mesmo os filhos mais velhos aparentavam ser menores de idade (cf. TIMES, 2018). Quando uma das filhas conseguiu fugir e informar à polícia o que estava acontecendo, os outros 12 irmãos foram libertados e submetidos a tratamento médico e psicológico. Segundo um dos policiais, a mãe Louise Anna aparentou grande surpresa quando a polícia chegou em sua casa. Para afastar as crianças de qualquer ensino formal, David registrou sua própria escola, com endereço em sua casa – obviamente, o local nunca fora inspecionado por uma autoridade.

A história causou grande choque tanto na equipe de resgate como na psicóloga Sophia Grant, diretora médica da unidade de abuso sexual e negligência na Riverside University Health System. Ela afirmou que as vítimas precisariam passar por vários exames e por uma assistência psicológica de longo prazo.

A razão pela qual David e Louise Anna mantiveram todos os seus filhos em cativeiro por tantos anos permanece desconhecida. Se analisados pela teoria de Baron-Cohen, haveria algo no modo de pensar do casal – ou, mais precisamente, no circuito cerebral de ambos – que os levaria a tratar seus filhos como objetos, desconsiderando completamente seus sentimentos e necessidades. David e Louise Anna teriam, assim, uma erosão empática permanente.

Há muitos outros casos semelhantes, com a adição de abuso sexual contínuo. Cito, como exemplo, o austríaco Josef Fritzl que, em agosto de 1984, aprisionou sua filha Elizabeth, na época com onze anos de idade, no porão da casa da família e disse à esposa que a menina havia desaparecido. Ele a manteve em cativeiro e a estuprou por 24 anos. Elizabeth teve sete filhos de seu pai. Um deles morreu com apenas três dias de vida e teve o cadáver queimado por Josef, que queria esconder evidências. Josef Fritzl, além de ser submetido a tratamento psiquiátrico, foi condenado à prisão perpétua (cf. BARON-COHEN, 2011; O GLOBO, 2018). Em seu julgamento, depois de ouvir dez horas de depoimento de sua filha numa fita, ele disse: “Eu percebi pela primeira vez como fui cruel com Elizabeth” (FRITZL apud BARON-COHEN, 2011, p. 171). Para Baron-Cohen, esta fala pertence claramente a alguém incapaz de sentir empatia e que pela primeira vez começou a vislumbrar o que era se pôr no lugar de alguém a quem violentou – psicológica e fisicamente.

Para a erosão empática servir de explicação para casos como estes, no lugar da ideia de mal, é necessário definir o que é empatia e como ela pode ser perdida. A definição inicial de empatia do autor é clara e curta: “A empatia ocorre quando suspendemos nosso foco único e passamos a adotar um foco duplo de atenção” (BARON-COHEN, 2011, p. 15-6). Ter um “foco único” significa que o indivíduo pensa apenas sobre seus próprios sentimentos e percepções. Por outro lado, ao ter um “foco duplo”, o indivíduo é capaz de ter em mente não apenas seus próprios sentimentos, mas também os de outra pessoa com a qual ele esteja interagindo. Em outras palavras, quando nossa empatia está desativada, pensamos apenas sobre nossos próprios interesses, e quando ela está ativada, temos em mente os interesses de outras pessoas também. Assim, o pesquisador passa a ser mais específico sobre sua definição de empatia: “Empatia é nossa habilidade de identificar o que alguém está pensando ou

sentindo, e responder a estes pensamentos e sentimentos com a emoção adequada.” (BARON-COHEN, 2011, p. 17).

É importante notar que não basta apenas *identificar* que alguém esteja passando por uma dificuldade, por exemplo, para que a empatia se concretize, é preciso *fazer* algo para ajudar a resolver a dificuldade, caso contrário, não estamos respondendo com a emoção adequada⁶. Essa percepção sugere dois estágios emocionais⁷: i) reconhecimento; ii) resposta. Ter apenas o reconhecimento mostra que o processo empático não se concretizou. Quando sua mente funciona no modo “foco duplo”, você pode concluir o processo empático, isto é, reconhecer e responder:

Quando o segundo foco de luz está funcionando, e você está apto tanto para reconhecer como para responder, você consegue não apenas perguntar a uma pessoa como ela está se sentindo. Você pode, sensivelmente, evitar magoá-la, pensar sobre como fazê-la sentir-se bem e considerar como tudo o que você diz ou faz tem impacto sobre ela ou sobre outras pessoas. Quando ela te diz como está, você pode prestar atenção não apenas no que ela fala, mas também em como ela fala – lendo suas expressões faciais – como se refletissem de forma transparente seus pensamentos e sentimentos. Se ela está sofrendo em qualquer grau, você apenas *sabe* como oferecer conforto e simpatia. (BARON-COHEN, 2011, p. 17)

Porém, se sua atenção está no modo “foco único” os pensamentos e sentimentos de qualquer outra pessoa não existem e, assim, sua empatia está desligada. A maioria de nós passa por momentos de falta de empatia, algo inteiramente temporário. Algumas pessoas, entretanto, estão permanentemente neste estado: são neurologicamente incapazes de ter um foco duplo, “como se um chip em seus computadores neurais estivesse faltando” (BARON-COHEN, 2011, p. 18).

Para o autor, qualquer ser humano – seja capaz ou incapaz de empatizar – está em algum lugar da **curva normal⁸ da empatia**, baseado no quanto conseguimos nos pôr no

⁶ Como destaca Theodore Dalrymple (2016, p. 218): “cabe a quem ou ao quê definir o que constitui uma reação emocional adequada? Porventura uma varredura ulterior do cérebro a revelaria a nós? Porventura será um acontecimento natural a fazê-lo?”. Nesse sentido, a “adequação” de resposta defendida por Baron-Cohen, ao decorrer de todo o livro, mostra-se um parâmetro frágil para definir o que é uma ação empática e o que não é.

⁷ Vale pensar que é possível que um psicopata (um indivíduo incapaz de ter empatia, nos termos do autor), por exemplo, pode ter tanto reconhecimento como resposta numa situação social *sem que ele realmente esteja tendo “sentimentos” ou empatia pela outra pessoa em questão*. Considero, essencialmente, que a empatia é um processo emocional, e não racional, ainda nos termos do autor. Em tese, isto tiraria a força do argumento de Baron-Cohen.

⁸ *The Bell Curve*, no original.

lugar do outro. A partir da curva normal da empatia, é possível identificar sete padrões – do grau zero ao grau seis. Obviamente há variações graduais neste espectro e quanto mais próximo do grau zero um indivíduo estiver, menos empático, de forma permanente, ele será. De um teste desenvolvido por ele e sua equipe⁹, o pesquisador identifica estes sete padrões. Ele próprio admite que, ainda que tenha dividido a curva normal da empatia em sete níveis, a divisão é um tanto arbitrária, pois a pesquisa desenvolvida aponta que a curva, na verdade, é um *continuum*. Porém, os níveis formam **constructos**¹⁰ que ajudam a entender diferenças qualitativas que existem ao longo da curva normal (cf. BARON-COHEN, 2011, p. 202, nota iv). É necessário observar que a curva normal vale para estados permanentes, e não para os momentos em que nossa empatia é temporariamente desligada: quando, por exemplo, estamos zangados com alguém e dizemos algo com o intuito consciente de ferir os sentimentos do outro.

Pessoas completamente incapazes de empatizar, chamadas de más ou cruéis, estariam no começo do espectro, teriam **zero grau de empatia**. Neste nível, o indivíduo tem, de fato, um problema psicológico, e precisa de um diagnóstico. Frequentemente comete crimes como: assassinato, estupro, tortura e inflige diversos tipos de violências físicas e mentais a outras pessoas. Para algumas pessoas no nível zero, realizar atos cruéis é absolutamente normal. Já outras não são capazes de chegar a esse ponto – têm apenas sérios problemas de relacionamento e não sabem muito bem como agir em sociedade. Em ambos os casos, não experimentam culpa ou remorso, seja desde cometer um crime ou falar algo rude a um amigo. Da mesma maneira, quanto mais próximo do grau seis um indivíduo estiver, mais empático ele será. Vale a pena reproduzir a história citada por Baron-Cohen como exemplo de uma pessoa com seis graus de empatia:

Hannah é uma psicoterapeuta que tem um dom natural para perceber como os outros estão se sentindo. Assim que você entra em sua sala, ela já está lendo suas expressões faciais, seus movimentos e sua postura. A primeira coisa que ela pergunta é “Como você está?”, mas sem parecer superficial. Sua entonação – mesmo antes de você ter tirado seu casaco – sugere um convite para confiar, revelar e compartilhar. Mesmo se você responder com uma frase curta, seu tom

⁹ O teste é chamado CE (Coeficiente empático), e é composto de várias questões ligadas às duas fases do processo empatizante (reconhecimento e resposta).

¹⁰ Procurarei desenvolver a ideia de que, a partir de alguns constructos pensados por Baron-Cohen, e sua equipe, podem ajudar a entender como são construídos alguns arquétipos de monstros morais na ficção de horror.

de voz dá a ela indícios de seu estado emocional, e ela rapidamente responde com “Você parece um pouco triste. O que aconteceu para te deixar assim?”.

Antes que você possa notar, já está se abrindo com esta maravilhosa ouvinte, que intervém apenas para oferecer sons de conforto e preocupação, para espelhar como você se sente, ocasionalmente oferecendo palavras tranquilizantes para te animar e te fazer se sentir valorizado. Hannah não está fazendo isso porque é o seu trabalho. Ela é assim com seus clientes, seus amigos, e até mesmo com pessoas que ela acabou de conhecer. Os amigos de Hannah se sentem cuidados por ela, e suas amizades são construídas na troca de confidências e de suporte mútuo. Ela tem um ímpeto incansável para empatizar. (BARON-COHEN, 2011, p. 27)

Como se pode notar, Hannah, personagem da história acima, seria um ser **superempático**. Há controvérsias, entretanto, de que indivíduos no grau seis de empatia reagiriam sempre com a “resposta adequada” às necessidades de outra pessoa. Um exemplo deste aparente paradoxo é citado pelo próprio Baron-Cohen: o de um monge budista que conseguia não apenas controlar completamente sua reação à dor como também seus batimentos cardíacos e sua reação à dor dos outros. Ele conseguia demonstrar empatia (na primeira fase, reconhecimento) por qualquer ser vivente – animal ou humano. O cérebro do monge fora mapeado pela neurocientista Tania Singer, que demonstrou uma hiperatividade no circuito cerebral. Em outras palavras, tal monge estaria em um grau muito alto na curva normal da empatia: mais, até mesmo, do que o exemplo da psicóloga Hannah. Ele estaria muitíssimo acima da média das pessoas consideradas “normais”. Porém, ao conseguir suprimir completamente seus próprios sentimentos – o que foi demonstrado pelo mapeamento cerebral – o monge não poderia ser classificado como superempático. Baron-Cohen sugere que, ao ignorar suas próprias emoções, um indivíduo não poderia reagir adequadamente à dor de outra pessoa. Assim, a fase chamada “resposta” ficaria incompleta e o processo empático não se concretizaria.

Baron-Cohen só nos apresenta o exemplo do monge budista ao final de livro, pois, suponho, apresentá-lo no momento em que expõe sua explicação dos seres superempáticos comprometeria sua argumentação. Para ele: “Seja lá o que for que este monge estava fazendo, era uma coisa completamente anormal e não se encaixa na minha definição de empatia” (BARON-COHEN, 2011, p. 178). O autor conclui dizendo que o monge não pode ser superempático. Claramente, há um paradoxo na linha de

pensamento de Baron-Cohen: se o monge está, de fato, muito acima da empatia média, como pode ser ele *não* superempático? A questão não é resolvida pelo pesquisador. Como aponta Darymple (cf. 2011, p. 18), outro ponto também é afirmado no subtexto de Baron-Cohen analisando o comportamento do monge: o de que o circuito empatizante pode ser ativado por outra coisa que, aparentemente, **não é empatia**. Isso leva a duas proposições: i) a de que a neurologia é muito mais complexa e muito mais cheia de nuances do que somos levados a crer em *The science of evil*; e ii) a de que mesmo com diversos mapeamentos cerebrais já feitos, a neurologia – pelo menos ainda – não revela tudo o que há pra ser conhecido sobre o mal e a empatia.

3. O grau zero de empatia

O nível da curva normal que interessa para o presente estudo é aquele que se localiza no início do espectro: o grau zero de empatia. Estar nesse nível equivale a dizer que você não sabe lidar com outros indivíduos – muito menos antecipar seus sentimentos. Se você for um grau zero, os pensamentos de terceiros estão, simplesmente, fora de seu alcance. Isso te leva a uma existência solitária, em que seus pontos de vista são os únicos certos, e seus sentimentos são os únicos que importam. Além disso, você busca satisfazer todos os seus desejos, sem se importar se a realização deles irá ou não causar dano à outra pessoa. Há, entretanto, diferentes tipos de zero, a começar pela diferenciação de que um indivíduo grau zero pode ser **positivo** ou **negativo**.

Aqueles no grau zero positivo possuem mentes extremamente precisas e exatas. Neste nível podemos incluir pessoas com autismo e síndrome de Asperger. Tais indivíduos não conseguem supor o que os outros estão pensando – exatamente o oposto da psicóloga Hannah – e não sabem como reagir às emoções de terceiros. Assim, eles não conseguem nem reconhecer nem responder. Mas, mesmo não possuindo qualquer habilidade social ou empática, zeros positivos são altamente inteligentes.

Não por acaso, uma característica notável do grau zero positivo é que sua mente está sempre ocupada fazendo *algo*: eles são excelentes sistematizadores seja de um sistema natural (como medição do tempo), um sistema mecânico, um sistema abstrato (como a matemática), um sistema motor (como uma técnica de dança), entre muito outros. Sistematizar, em termos gerais, significa analisar padrões e entender como um

mecanismo funciona.

Mas, o indivíduo não empático que interessa mais para os fins deste trabalho é o **grau zero negativo**. Para Baron-Cohen, quando alguém é identificado como zero negativo, significa que o seu circuito empatizante está seriamente danificado.

O zero negativo possui características marcantes, como: i) total preocupação com si mesmo; ii) charme superficial; iii) ausência de ansiedade ou culpa; iv) desonestidade; v) incapacidade de ter relações de longo ou médio prazo; vi) incapacidade de entender o que é uma punição; vii) falta de noção do impacto de suas ações; viii) pobreza emocional; ix) dificuldade de planejar o futuro. Há outras características que podem ou não estar presentes: i) fazer o que for preciso para satisfazer seus desejos e fantasias; ii) alto nível de crueldade e agressividade; iii) prazer em ver outras pessoas sofrerem.

O perfil empático acima descrito será analisado no próximo tópico como um possível arquétipo de monstrosidade moral na ficção de horror.

4. O caso Tillinghast

O exemplo ficcional que utilizarei como estudo de caso é o *mad scientist* de “Do além” (1934), de H. P. Lovecraft. O *mad scientist*, neste conto, é Crawford Tillinghast e proponho localizá-lo na classificação de Baron-Cohen.

Crawford é um cientista que descobre uma glândula no corpo humano chamada “glândula pineal” que seria responsável por nos dar um sexto sentido. Não do ponto de vista místico, de intuição, mas de fato *mais um* sentido. Com tal glândula, nós seríamos capazes de ver o “além”. Uma realidade que está fora de nossa percepção usual de mundo. Crawford descobre uma maneira de ativar essa glândula e fazer com que ele próprio – ou mesmo outra pessoa – comece ver esse aspecto da realidade que não é visível a olho nu.

Além desta realidade, que Crawford chama de “além”, o cientista descobre também um monstro, um tipo de criatura tão horrível que, ao olhá-la, o indivíduo se desintegra. Assim, pode-se observar que o personagem descobre muito mais do que devia. Crawford possui um amigo que o desencoraja desde o começo, mas não ouve seus conselhos: “Você tentou me parar; você me desencorajou quando eu precisava de cada gota de estímulo; você tinha medo da verdade cósmica, seu maldito covarde, mas agora eu o peguei!” (LOVECRAFT, 2014, p. 106).

Ainda que o amigo insista para que Crawford dê um fim a seus experimentos, ele dá continuidade a eles. Depois de ter descoberto a existência de monstros horríveis que são insuportáveis para os sentidos humanos, Crawford chama o amigo até a sua casa, ativa o sexto sentido desta personagem, que é o narrador, com o puro objetivo de entregá-lo aos monstros. O desejo do cientista é destruir o amigo, por este não ter incentivado suas pesquisas. Em outras palavras, ele chama o narrador personagem até a sua casa com o puro objetivo de vingança. E ele afirma, em tal ocasião:

Há coisas me caçando agora... as coisas que devoram e dissolvem – mas sei como enganá-las. É você que elas vão pegar [...] Está tremendo, meu caro? [...] Tremendo de ansiedade para ver as últimas coisas que eu descobri? Por que não se mexe, então? Cansado? Pois bem, não se preocupe, meu amigo, pois eles estão chegando... Olhe, olhe, maldito, olhe... estão logo acima de seu ombro esquerdo... (LOVECRAFT, 2014, p. 107)

A partir desta breve análise, é possível notar algumas características em Tillinghast Crawford, mencionadas por Simon Baron-Cohen em sua descrição de zeros negativos: i) ausência de ansiedade ou culpa; ii) desonestidade; iii) alto nível de crueldade e agressividade; iv) prazer em ver outras pessoas sofrerem.

A questão final é: por que o Crawford funciona bem como personagem monstruosa? Porque ele se comporta como um zero negativo. Se o personagem estivesse localizado mais ao meio da curval normal – isto é, se fosse mais semelhante à maioria de nós –, seria muito difícil caracterizá-lo como tal. O fato dele estar no início do espectro nos impede de entender por qual razão ele perpetua as ações descritas no conto, especialmente a de vingança contra o narrador personagem. As razões de Crawford são obscuras para nós, leitores. Assim, tem-se o efeito pretendido: de estranhamento e de percepção do personagem, ainda que humano, como um ser monstruoso.

Bibliografia

BARON-COHEN, Simon. *The science of evil: on empathy and the origins of human cruelty*. Basic Books: 2011.

DALRYMPLE, Theodore. *Qualquer coisa serve*. São Paulo: É Realizações, 2016.

KEENE, Louis et al. Horror for 13 California Siblings Hidden by Veneer of a Private Home School. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/2018/01/16/us/california-captive-family.html>>. Acesso em 25 de março de 2018.

LANGENSCHIEDT. Verbete “Einführung”. Disponível em <<https://en.langenscheidt.com/german-english/einfuehlung>>. Acesso em 25 de março de 2018.

LANZONI, Susan. A short story of empathy. Disponível em < <https://www.theatlantic.com/health/archive/2015/10/a-short-history-of-empathy/409912/>>. Acesso em 20 de março de 2018.

LOVECRAFT, H. P. Do além. In. A maldição de Sarnath. Rio de Janeiro: Iluminuras, 2014. pp. 99-108.

O GLOBO. Como um casal manteve 13 filhos em cativeiro sem gerar suspeitas nos EUA. Disponível em < <https://oglobo.globo.com/mundo/como-um-casal-manteve-13-filhos-em-cativeiro-sem-gerar-suspeitas-nos-eua-22294883>>. Acesso em 25 de março de 2018.